

O Método das Gerações em Ortega y Gasset: Síntese dos Conceitos Centrais

A Geração como Conceito Fundamental da História

Para Ortega y Gasset, a geração constitui o conceito mais importante da historiografia, a unidade básica a partir da qual se pode compreender a dinâmica das transformações históricas. Na *Meditación de nuestro tiempo*, o filósofo declara enfaticamente que "o conceito de geração é o mais importante em história" (R1.2), uma convicção que perpassa toda a sua obra e que encontra formulação sistemática nas lições de *Em torno de Galileu*. A geração não é um mero agrupamento cronológico de indivíduos nascidos no mesmo período, mas sim uma "variedade humana" — uma comunidade de pessoas que compartilham uma mesma sensibilidade vital, isto é, um conjunto de disposições, preferências e atitudes típicas diante da existência. Essa homogeneidade de sensibilidade é o que distingue uma geração de outra e o que permite ao historiador identificar unidades significativas no fluxo temporal.

A Sensibilidade Vital e o Mundo Vigente

O conceito de "mundo vigente" ou "espírito do tempo" é central para compreender como Ortega articula a mudança histórica. Em todo momento, o ser humano vive imerso em um conjunto de convicções que não escolheu individualmente, mas que lhe são impostas pelo seu tempo: "em todo momento o homem vive em um mundo de convicções, a maior parte das quais são convicções comuns a todos os homens que convivem em sua época: é o espírito do tempo" (R1.1). Esse mundo vigente não é apenas uma realidade que recebemos passivamente; ele se impõe "como ingrediente principal" da nossa experiência, moldando nossa percepção do que é possível, desejável ou verdadeiro.

A mudança histórica radical não ocorre, portanto, quando um indivíduo isolado inventa uma ideia nova, mas quando toda uma geração desenvolve uma sensibilidade vital distinta que altera o mundo vigente. Ortega observa que "o que um ou vários homens inventam uma ideia nova ou um sentimento novo não faz variar o cariz da história, o tom dos tempos" (R1.5). A transformação histórica é, antes, um fenômeno coletivo e geracional: é a emergência de uma nova forma de sentir e interpretar a vida que redefine o horizonte de possibilidades de uma época.

A Sucessão Geracional: Colaboração Polêmica e Anacronismo Essencial

A dinâmica entre gerações não é uma simples sequência linear, mas um processo complexo de "colaboração polêmica" e "solapamento". Ortega distingue entre contemporâneos — aqueles que compartilham o mesmo tempo cronológico — e coetâneos — aqueles que pertencem à mesma geração, com o mesmo "índice de idade" vital. Em qualquer presente histórico coexistem pelo menos três gerações ativas: os jovens (aproximadamente de 30 a 45 anos), os maduros (de 45 a 60 anos) e os velhos. Essa coexistência não é pacífica; há entre elas uma "essencial hostilidade" que gera o dinamismo histórico.

O filósofo sublinha que "em toda data há historicamente ativas duas gerações: a dos homens de quarenta e cinco a sessenta anos" (R1.4), que impõem o mundo vigente, e a geração mais jovem, que começa a questioná-lo e a propor alternativas. Essa sobreposição de gerações com sensibilidades distintas produz o que Ortega chama de "anacronismo essencial da história": cada presente contém, em si, temporalidades diferentes, ritmos vitais diversos que não coincidem perfeitamente. A imagem que ele propõe é sugestiva: as gerações não se dispõem horizontalmente, mas "em vertical, umas sobre as outras, como os acrobatas do circo quando fazem a torre humana" (R1.7). O que está no alto pode ter a impressão de dominar, mas sustenta-se sobre os ombros das gerações anteriores.

A Geração como Causa Radical da Mudança Histórica

Ortega insiste que os historiadores deixaram "intacta a causa mais radical dos cambios históricos" (R1.5). Essa causa é precisamente a sucessão de gerações com suas distintas sensibilidades vitais. Uma geração não escolhe simplesmente aceitar ou rejeitar a herança anterior; ela "a leva dentro de si" (R1.7), mesmo quando a combate. A relação entre gerações é, portanto, dialética: a nova geração define-se em grande parte pela sua resposta à anterior, seja de continuidade, seja de ruptura, mas nunca de indiferença.

Essa perspectiva tem implicações metodológicas profundas para a historiografia. Se a geração é a unidade fundamental da mudança histórica, então o historiador deve analisar os períodos não apenas em termos de eventos, ideias ou grandes personalidades, mas sobretudo em termos das constelações geracionais que se sucedem e se confrontam. A história deixa de ser uma narrativa linear de acontecimentos para se tornar o estudo das transformações na estrutura da vida humana, das mudanças no "tipo de homem" que cada época produz.

Limites e Alcance do Método

É importante notar que os passajes recuperados não desenvolvem explicitamente a aplicação do método a capítulos concretos de *Em torno de Galileu*, nem detalham como Ortega o utiliza para analisar a revolução científica do século XVII. O que temos é a formulação teórica do conceito e suas implicações gerais. A evidência disponível concentra-se na definição de geração, na noção de sensibilidade vital, na dinâmica de sucessão e na tese de que a mudança geracional é a causa radical das transformações históricas. Para uma análise mais detalhada da aplicação específica ao caso de Galileu e à emergência da ciência moderna, seria necessário consultar diretamente os capítulos 3, 4 e 5 da obra, que não estão integralmente representados nos excertos disponíveis.

Evidências citadas: R1.1, R1.2, R1.4, R1.5, R1.7

Mostrar fuentes

En torno a Galileo — Lección IV VI 418

LECCIÓN IV EL MÉTODO DE LAS GENERACIONES EN HISTORIA En todo momento el hombre vive en un mundo de convicciones, la mayor parte de las cuales son convicciones comunes a todos los hombres que conviven en su época: es el espíritu del tiempo. A esto hemos llamado el mundo vigente, para indicar que no sólo tiene la realidad que le presta nuestra convicción, sino que se nos impone, queramos o no, como ingrediente principalísimo de la circunstancia. Como el hombre se encuentra con el cuerpo que le ha caído en suerte y tiene que vivir en él y con él, así se encuentra con las ideas de su tiempo y en ellas y con ellas —aunque sea en el modo peculiar de contra ellas— tiene que vivir. Ese mundo vigente —ese «espíritu del tiempo»— hacia el cual y en función del cual vivimos, en vista del cual decidimos nuestras más simples acciones, es el elemento variable de la vida humana. Cuando cambia él, cambia el argumento del drama vital. Del cambio del mundo, mucho más que del cambio de caracteres, razas, etcétera, dependen las modificaciones importantes en la estructura de la vida humana. Y como el tema de la historia no es la vida humana, que es asunto de la filosofía —sino los cambios, las variaciones de ella—, tendremos que el mundo vigente en cada fecha es el factor primordial de la historia. Pero ese mundo cambia con cada generación porque la anterior ha hecho algo en el mundo, lo ha dejado más o menos distinto de como lo encontró. Hasta visualmente es distinto el Madrid con que hoy se encuentran los que tienen veinte años del Madrid con el cual tuvieron que habérselas mis floridos veinte años.

De ahí para arriba todo el resto ha cambiado mucho más. El perfil del mundo es otro y consecuentemente la estructura de la vida. Esto me hizo decir allá por 1914 y luego en un libro que se publicó en 1921, que la generación era el concepto fundamental de la historia, cuando nadie en Europa hablaba de ello. Hace unos años, muy pocos, un historiador del arte, Pinder, fundándose en aquellos párrafos míos que desmedida mente elogio pero que no logra interpretar bien, publicó su libro sobre El problema de las generaciones, que ha disparado, por vez primera, la atención de los historiadores sobre el asunto, porque todas las indicaciones que antes se habían hecho, salvo el libro cartago so y contraproducente de Ottokar Lorenz, y el que cit de Roma el, que nadie conocía, aparecidos ambos en el siglo pasado, eran novísimas, de unas cuantas líneas no más y a veces de unas cuantas palabras. Creo, pues, haber contribuido a la iniciación formal y deliberada de este método de las generaciones, aunque por mi desidia —que me lleva a hablar de las cosas y no publicarlas— haya esperado a este curso para exponer a fondo mi idea. Como decía, Pinder, no obstante su favorable acogida, no lo ha entendido en lo más esencial. No es culpa suya porque los párrafos que él pudo leer, en la traducción alemana de uno de mis libros, no desarrollan suficientemente el pensamiento. Pero lo que no comprendo es que eche de menos en ellos la distinción entre contemporáneos y coetáneos, cuando es ésta la clave de los párrafos mismos que él cita. A diferencia, en efecto, de todas las otras teorías sobre las generaciones y aun de la idea tradicional y viejísima acerca de ellas, yo las tomo, no como una sucesión, sino como una polémica, siempre que se entienda en serio esta palabra y no se la frívolo ce como hacen ahora los jóvenes; por tanto, siempre que no se crea que la vida de cada generación consiste formalmente en pensarse con la anterior, que es lo que han creído en estos últimos quince años los jóvenes cometiendo un error mucho más grave de lo que sospechan y que tiene raíces muy hondas, que traerá consecuencias catastróficas —se entiende para ellos, porque los que no son jóvenes no sufren ya catástrofes. La polémica no es, por fuerza, de signo negativo, sino que, al contrario, la polémica constitutiva de las generaciones

Meditación de nuestro tiempo — Introducción al presente VIII 75

es decir, suponen el cambio de generaciones. Desde hace años yo predica a los historiadores que el concepto de generación es el más importante en historia y debe haber llegado al mundo una nueva generación de historiadores porque veo que esta idea ha prendido sobre todo en Alemania. Para que algo importante cambie en el mundo, es preciso que cambie el tipo de hombre —se entiende— y el de mujer, es preciso que aparezcan muchedumbres de criaturas con una sensibilidad vital distinta de la antigua y homogénea entre sí. Esto es la generación: una variedad humana en el sentido riguroso

que al concepto de «variedad» dan los naturalistas. Los miembros de ella vienen al mundo dotados de ciertos caracteres típicos, disposición es, preferencias que les prestan una fisonomía común, diferenciado los de la generación anterior. Pero esta idea vincula súbita energía y dramatismo al hecho tan elemental como inexplicable de que en todo presente coexisten tres generaciones: los jóvenes, los hombres maduros, los viejos. Porque esto significa que toda actualidad histórica, todo «hoy» envuelve en rigor tres tiempos distintos, tres «hoy» diferentes o dicho de otra manera, que el presente es rico de tres grandes dimensiones vitales, las cuales conviven alojadas en él, quieran o no, trabadas unas con otras y, por fuerza, al ser diferentes, en esencial hostilidad. «Hoy» es para unos veinte años, para otros, cuarenta, para otros, sesenta: y eso, que

siendo tres modos de vida tan distintos tengan que ser el mismo «hoy», declara sobradamente el dinámico dramatismo, el conflicto y colisión que constituye el fondo de la materia histórica, de toda convivencia actual. Y a la luz de esta advertencia se ve el equívoco oculto en la aparente claridad de una fecha. 1928 parece un tiempo único, pero en 1928 vive un muchacho, un hombre maduro y un anciano, y esa cifra se triplica en tres significados diferentes y, a la vez, abarca los tres: es la unidad en un tiempo histórico de tres edades distintas. Todos somos contemporáneos, vivimos en el mismo tiempo y atmósfera pero contribuido a formales en modo diferente. Sólo se coincide con los coetáneos. Nuestros contemporáneos no son nuestros coetáneos: urge distinguir en historia entre pontaneidad y con temporalidad. Alojados en un mismo tiempo externo y cronológico conviven tres tiempos vitales distintos. Esto es lo que suelo llamar el anacronismo esencial de la historia. Merced a ese desequilibrio interior se mueve, cambia, rueda, fluye. Si todos los contemporáneos fuésemos coetáneos la historia se detendría anquilosada, putrefactas, en un gesto definitivo, sin posibilidad de innovación radical ninguna. Alguna vez he representado a la generación como «una caravana dentro de la cual va el hombre prisionero pero a la vez secretamente voluntario y satisfecho. Va en ella fiel a los poetas de su edad, a las ideas políticas de su tiempo, al tipo de mujer triunfante en su mocedad y hasta al modo de andar usado a los 25 años. De cuando en cuando se ve pasar otra caravana con su raro perfil extranjero: es la otra generación. Tal vez, en un día festival la orgía mezcla a ambas, pero a la hora de vivir la existencia normal la caótica fusión se disgrega en los dos grupos verdaderamente orgánicos. Cada individuo reconoce misteriosamente a los demás de su colectividad, como las hormigas de cada hormiguero se distinguen por una peculiar adoración. El descubrimiento de que estamos fatalmente adscritos a un cierto grupo de edad y a un estilo de vida es una de las experiencias melancólicas que antes o después

ente de él, etcétera, etcétera. ¿Obligará esto a sospechar que todo ello es ya inexorablemente un pasado? Es lo que vamos a poder averiguar irreal amablemente en estos nuevos quince años en que estamos ya embarcados.

LECCIÓN V DE NUEVO, LA IDEA DE GENERACIÓN En la lección anterior he concluido de exponer el primero de los temas que yo quería suscitar en torno a las generaciones decisivas en la evolución del pensamiento europeo, las generaciones de 1550 a 1650 que tienen su punto céntrico temporal y sustantivamente en la obra de Galileo. Era natural que ese primer tema fuese precisamente la idea misma de generación que es, según hemos podido advertir, el órgano visual con que se ve en su efectiva y vibrante autenticidad la realidad histórica. La generación es una y misma cosa con la estructura de la vida humana en cada momento. No se puede intentar saber lo que de verdad pasó en tal o cual fecha si no se averigua antes a qué generación le pasó, esto es, dentro de qué figura de existencia humana aconteció. Un mismo hecho acontecido a dos generaciones diferentes es una realidad vital y, por tanto, histórica, completamente distinta. Así, el hecho de una guerra tiene los significados más varios según la fecha en que se produzca, porque el hombre saca de él las consecuencias más opuestas. Por eso ha sido tan grave error echar mano de la guerra mundial para explicar los cambios profundos acaecidos en la humanidad. Un hecho aislado, así sea el de más enorme calibre, no explica ninguna realidad histórica; es preciso antes integrarlo en la figura total de un tipo de vida humana. Lo demás es muerto dato de crónica y la historia consiste precisamente en el intento de dar reviviscencia, de volver a vivir imaginariamente lo ya sido. La historia tiene que dejar de ser una exposición de morias y convertirse en lo que verdaderamente es: un entusiasta ensayo de resurrección. La historia es una guerra ilustre contra la muerte. Por eso no puede decirse que de verdad se ha contado algo, se ha hecho historia de algo si no se ha enseñado a verlo

nacer del hontanar perenne del que brota y donde únicamente tiene su realidad todo lo humano que es la vida del hombre. En este sentido, yo entiendo por historia la faena de retrotraer todo dato sobre el pasado a su fuente vital para asistir a su nacimiento, diríamos, para obligarlo a nacer y ser de nuevo: hay que ponerlo en status nascens, como recién nacido. Mal se justifica el esfuerzo que la labor historiográfica consume si no nos lleva la historia a transformar todo el pretérito del hombre en un inmenso y virtual presente, dilatados así gigantescamente el nuestro efectivo. Y el hecho para entender el cual yo quisiera ofrecer a ustedes unas cuantas ideas, in alturas sin duda, mediocrementemente enunciadas —pero en que tengo gran fe— es nada menos que la

peripezia máxima acontecida al hombre europeo, aquel radical viraje que ejecuta hacia 1600 y en que surge una nueva forma de vida, un hombre nuevo —el hombre moderno. Pero la idea de la historia que en estas lecciones he dibujado y que acabo de reiterar, implica que no es posible entender de verdad algo del pasado sin que de rebote quede iluminado algo de nuestro presente y nuestro porvenir. De aquí, que si tengo gran fe en esas ideas, aun reconociendo su defectuosidad, no es tanto ni sólo porque nos aclaran unos siglos que fueron, sino porque a la vez nos hacen penetrar en la realidad secreta de nuestro tiempo y nos permiten palpar, tal vez con un poco de espanto, sus entrañas estremecido. aquel gran viraje de 1600 fue el resultado de una grave crisis histórica que dura dos siglos, la más grave que han experimentado los pueblos actuales. Yo creo que el asunto es de enorme interés porque vivimos una época de crisis intensísima en que el hombre, quiera o no, tiene que ejecutar otro gran viraje. ¿Por qué? ¿No es obvio sospechar que la crisis actual procede de que la nueva «postura» adoptada en 1600 —la postura «moderna»— ha agotado todas sus posibilidades, ha llegado a sus postreros confines y, por lo mismo, ha descubierto su propia limitación, sus contradicciones, su insuficiencia? Una de las cosas que pueden ayudarnos más a lo

El hombre y la gente [Curso de 1939-1940] IX 466

a los setenta años es lo más probable que haya asistido a dos trans mutaciones del paisaje vital y haya vivido inmerso en tres mundos distintos —el que era vigente durante su mocedad, el que imponen después los hombres maduros y el que él, con su generación coetánea, arribada también a la madurez, impondrá. En toda fecha hay históricamente activas dos generaciones: la de los hombres de cuarenta y cinco a sesenta años que está en el poder los que mandar a la sazón —se entiende— en todo orden —en el gobierno, en las ideas, en la riqueza, en las artes— [y hay, junto a ella y frente a ella,] la generación de los hombres entre treinta y cuarenta y cinco que traen principios, más o menos, siempre un poco distintos de aquélla y representan la oposición. De los treinta a los cuarenta y cinco va el hombre creando y desarrollando sus nuevas tendencias y haciendo de ellas propaganda; en torno a los cuarenta y cinco llega al poder o —fíjense en esto— consolide su poder, que es lo decisivo. Hay quien llega al poder un poco antes, por azar o ausencia de otros poderosos —pero su triunfo es, por lo pronto, sólo aparente y precaria y necesita unos años para que deje de ser aventura y se convierta en compacto usufructúa del mando. Desde que nace hasta los treinta años, el hombre no suele hacer sino recibir, aprender, absorber las corrientes del tiempo. Entre los veintiún is y los treinta concluye la etapa de aprendizaje y

recepción y comienza a reobra contra lo aprendido y recibido: es la edad en que suele iluminar le la primera vaga intuición de lo que van a ser sus propias ideas y gustos; pero a los treinta es cuando de verdad empieza a crear su nueva figura de la vida. Él como los de su generación —que está siempre dividida en grupos aparentemente hostiles—, combate por la nueva forma de humanidad. Gana inexorablemente la batalla a los cuarenta y cinco y durante quince ejerce el predominio. Por tanto, quince años de gestación y quince de gestión. A los sesenta, una nueva ola le arranca el poderío histórico y actúa sólo, si sobrevive, en intervenciones secundarias y particulares. Historicamente el muchacho no vive aún y el viejo es un superviviente. [Lo cual quiere decir que, a veces, se le busca e interviene en la historia precisamente como superviviente, como anciano, como hombre de larga memoria. Por eso decía que la realidad histórica, en su núcleo denso y sustantivo, está constituida siempre por la colaboración polémica de dos generaciones. Lo esencial en el concepto de generación histórica —a diferencia de las generaciones genealógicas, esto es, zoológicas— no es que se suceden, sino, en cierto modo, al revés, que en parte del tiempo coinciden, que se solapa o emplean. Siempre hay dos generaciones actuando al mismo tiempo, con plenitud de actuación, sobre los mismos temas y en torno a las mismas cosas, pero con distinto índice de edad y, por ello, con distinto sentido. Este es, señores, el ritmo del cambio histórico: repito, cada quince años cambia el mundo en que se vive, porque ese mundo es creado por una generación. Y si ahora pasamos de considerar el ritmo o paso con que la historia cambia al contenido del cambio mismo, hallamos esta simplicísima averiguación. Nuestro segundo amor es el que es porque antes sentimos el primero: un segundo amor es siempre de otro cariz que el primero precisamente porque lleva éste dentro de sí, conserva su experiencia. Parejamente, en la ciencia se piensa hoy de una cierta manera porque ayer se pensó de otra. Toda idea es insuficiente, tiene sus defectos, en suma, es más o menos un error. El que la invent

¿Por qué se vuelve a la filosofía? IV 343

es necesario anunciar que vamos a segar respetuoso tan peraltado cuestión pasando de largo. Pero me importa decir que los historiadores han dejado hasta ahora intacta la causa más radical de los cambios históricos. El que uno o varios hombres inventan una idea nueva o un sentimiento nuevo no hace variar el cariz de la historia, el tono de los tiempos, como no cambia el color del Atlántico porque un pintor de marina limpia en él su pincel cargado de ber millón. Pero si de pronto una masa ingente de hombres adopta aquella idea y vibra con aquel sentimiento, entonces el área de la historia, la faz de los tiempos, se time de nuevo dolorido. Ahora bien; las masas ingentes de hombres no adoptan una idea, no vibran con un peculiar sentimiento, simplemente porque se les

radique. Es preciso que esa idea y ese sentimiento se hallen en ellos preformados, nativos, prestos. Sin esa predisposición radical, espontánea de la masa, todo predicador sería predicador en desiertos. De aquí que los cambios históricos suponen el nacimiento de un tipo de hombre distinto en más o en menos del que ya había; es decir, suponen un cambio de generaciones. Desde hace años, yo predica a los historiadores que el concepto de generación es el más importante en historia, y debe ha-

ber llegado al mundo una nueva generación de historiadores, porque veo que esta idea ha prendido, sobre todo en Alemania'. Para que algo importante cambie en el mundo es preciso que cambie el tipo de hombre —se entiende— y el de la mujer; es preciso que aparezcan muchedumbres de criaturas con una sensibilidad vital distinta de la antigua y homogénea entre sí. Eso es la generación: una variedad humana en el sentido riguroso que al concepto de «variedad» dan los naturalistas. Los miembros de ella vienen al mundo dotados de ciertos caracteres típicos, disposición es, preferencias, que les prestan una fisonomía común, diferenciado los de la generación anterior. (Véase El tema de nuestro tiempo). Pero esta idea vincula súbita energía y dramatismo al hecho tan elemental como inexplicable de que en todo presente coexisten tres generaciones: los jóvenes, los hombres maduros, los viejos. Porque esto significa que toda actualidad histórica, todo «hoy», envuelve en rigor tres tiempos distintos, tres «hoy» diferentes; o dicho de otra manera: que el presente es rico de tres grandes dimensiones vitales, las cuales conviven alojadas en él quieran o no, trabadas unas con otras y, por fuerza, al ser diferentes, en esencial hostilidad. «Hoy» es para unos veinte años; para otros, cuarenta; para otros, sesenta; y eso que siendo tres modos de vida tan distintos tengan que ser el mismo «hoy» declara sobradamente el dinámico dramatismo, el conflicto y colisión que constituye el fondo de la materia histórica, de toda convivencia actual. Y a la luz de esta advertencia se ve el equívoco oculto en la aparente claridad de una fecha: 1929 parece un tiempo único; pero en 1929 viven un muchacho, un hombre maduro y un viejo, y esa cifra se triplica. tres significados diferentes y a la vez abarca los tres; es la unidad de un tiempo histórico de tres edades distintas. Todos somos contemporáneos, vivimos en el mismo tiempo y atmósfera, pero contribuido a formales en tiempo diferente. Sólo se coincide con los coetáneos. Los contemporáneos no son coetáneos; urge distinguir en historia entre pontaneidad y

La voluntad del barroco VII 354

[IL] Las dudas que se suscitar n el otro día entre nosotros me han hecho considerar forzoso dar una expresión orgánica al conjunto de ideas y de emociones que sin hallarse formuladas en el escrito de solicitud redactado por unos cuantos de nosotros iban

envolviéndola de la manera difusa que una atmósfera. Porque no todo podía decirse en ese escrito; había muchas cosas, las decisiones, que no debían decirse. Luego veremos por qué. Nosotros nos dirigía os en él, principalmente a una generación de españoles. Notad que el concepto de generación tiene en la crítica histórica un sentido muy preciso. Es la historia, la historia de las variaciones humanas: el sujeto, el portador de cada una de esas variaciones es una generación. La historia no se ocupa del individuo en cuanto aislado —tal sería una abstracción, una ficción— sino del individuo en cuanto inmerso en la magnífica continuidad del flúido humano. Este flúido humano está constituido por ciertos modos de pensar y sentir que le van sucediendo y que forman el clima sentimental e intelectual donde brotan los individuos. Cada época histórica es una dirección genuina de la sensibilidad humana: dentro de ella cada siglo un temblor peculiar ante las últimas, decisivas cuestiones: dentro de cada siglo cada generación un desplazamiento más o menos importante de las emociones e ideas radicales. No os asunto is —no voy a haceros una conferencia de metafísica. Pero de que veamos claro, con brava claridad esto que voy a deciros depende mucho lo más grave para nosotros, depende que nuestras vidas individuales lleguen a expansión victoriosa o no pasen de ser una queja prolongada que se arrastra. Época, siglo, generación son círculos de sensibilidad cuyo radio al disminuir en amplitud va aumentando en intención. De suerte que este último círculo, la generación, es el que determina más apretada mente la contextura individual. Dime de qué generación eres y te diré lo que llevas en el vértice del corazón. ¿Por qué es el círculo generación el más elemental, el primario dentro del cuerpo histórico? Muy sencillo y esto es lo que más de cerca nos importa. No hay calidad que diferencie más hondamente unas de otras las cosas todas que llevamos pululando en nuestro ánimo como la de que sean és

os depende mucho lo más grave para nosotros, depende que nuestras vidas individuales lleguen a expansión victoriosa o no pasen de ser una queja prolongada que se arrastra. Época, siglo, generación son círculos de sensibilidad cuyo radio al disminuir en amplitud va aumentando en intención. De suerte que este último círculo, la generación, es el que determina más apretada mente la contextura individual. Dime de qué generación eres y te diré lo que llevas en el vértice del corazón. ¿Por qué es el círculo generación el más elemental, el primario dentro del cuerpo histórico? Muy sencillo y esto es lo que más de cerca nos importa. No hay calidad que diferencie más hondamente unas de otras las cosas todas que llevamos pululando en nuestro ánimo como la de que sean éstas recibidas pasivamente por nosotros o activamente creadas. Noten que son las dos posturas más antitéticas de nuestro espíritu la de recepción y la de invención, la de aprender o la de renovar. En el aprendizaje —y ésta es la extrema diferencia— recibimos

las soluciones, los credos y las normas antes, o cuando menos a la par, que llegan a nosotros los problemas, las necesidades y los azares. En la innovación, cuando nuestro ánimo pone la proa

En torno a Galileo — Lección IV VI 420

generación nueva aplauda o sible a la anterior —haga lo uno o haga lo otro, la lleva dentro de sí. Si no fuera tan barroca la imagen deberíamos representarnos las generaciones no horizontalmente, sino en vertical, unas sobre otras, como los acróbatas del circo cuando hacen la torre humana. Unos sobre los hombros de los otros, el que está en lo alto goza la impresión de dominar a los demás, pero debía advertir, al mismo tiempo, que es su prisionero. Esto nos llevaría a percatarnos de que el pasado no se ha ido sin más ni más, de que no estamos en el aire sino sobre sus hombros, de que estamos en el pasado, en un pasado determinadísimo que ha sido la trayectoria humana hasta hoy, la cual podía haber sido muy distinta de la que ha sido, pero que una vez sida es irremediable, está ahí —es nuestro presente en el que, queramos o no, abracemos náufragos. Bajo la confusión de las generaciones históricas con las genealógicas —hijos, padres, abuelos— late, pues, un certero reconocimiento de que es la generación el concepto que expresa la efectiva articulación de la historia y que, por lo mismo, es el método fundamental para la investigación histórica. Y no es extraño que el único libro seriamente dedicado hasta ahora al tema de las generaciones, el de Ottokar Lorenz, caiga de cabeza en esta confusión y exponga una teoría genealógica que, como era inevitable, hizo por completo estéril el voluminoso esfuerzo.

Al interpretar las generaciones en el sentido de la genealogía se subraya en ellas exclusivamente lo que tienen de sucesión. Por eso Homero, coincidiendo en su intención con la Biblia y, repito, con todo primitivismo histórico, las compara a las hojas secas que nacen en otoño para ser sustituida en la sazón verbal por otras nuevas. ¡Sucesión, sustitución! Todo ello proviene de que se forma el concepto de generación desde el punto de vista del individuo, bajo una perspectiva subjetiva y familiar —hijos, padres, abuelos. Tal concepción se apoya en una idea de las edades que es también subjetiva y privada. Se entiende por juventud un cierto estado del cuerpo y del alma del hombre bien distinto del estado que ambos —cuerpo y alma— presentan en la vejez. Pero esto supone que el hombre primordialmente es su cuerpo y su alma. Contra este error va todo mi pensamiento. El hombre es primariamente su vida —una cierta trayectoria con tiempo máximo prefijado. Y la edad, según vimos en la lección pasada, es ante todo una etapa de esa trayectoria y no un estado de su cuerpo ni de su alma. Hay hombres que llegan al cabo de una larga existencia con una ininterrumpida plenitud corporal que, por sí sola, no

permitiría distinguir entre su plena juventud, su madurez y su ancianidad. En el orden intelectual la cosa es aún más clara. Porque es bien notorio que la plenitud de intelección se logra en torno a los cincuenta años. Esa edad sería, pues, la juventud de su mente. Pero no hay tal: ese hombre de juventud física inmarcesible ha pasado como cualquier otro por las etapas inexorables de la existencia: joven aún de cuerpo, tuvo que vivir en madurez y luego vivir una vida vieja. Y, en efecto, Aristóteles pone la akmé o florecimiento corporal entre los treinta y treinta y cinco, y la akmé intelectual, con un exceso de precisión no poco sorprendente, en los cincuenta y uno. Con lo cual, dicho sea de paso, revela su adscripción al error perenne, en él mayor que en nadie, de creer que el hombre es sustancialmente el organismo biológico —cuerpo y alma— con que el hombre vive. La averiguación esencial

Generación contra generación III 723

GENERACIÓN CONTRA GENERACIÓN Alguna vez he indicado que el concepto más digno de atención en la ideología histórica es el de generación. El tema de la historia es la serie de las variaciones humanas. Pero las variaciones humanas son innumerables y fuera utópico querer abarcar las todas. A la historia no pueden llegar sino algunas de ellas que consideramos importantes. Simmel ha hecho notar finamente que existe un «umbral de la conciencia histórica». Las cartas que llevaba Colón cuando saltó a tierra nueva han quedado por debajo de ese umbral. El nombre de «hecho histórico» no se limita a designar una realidad, sino que incluye un título de distinción. Lo histórico es lo importante. Lo importante es lo que ha influido ampliamente en el espacio y el tiempo humanos. Mas para que lo realizado por un hombre influya ampliamente es menester que encuentre en muchos otros una superficie favorable. Es curioso advertir una y otra vez cómo ciertas ideas científicas o políticas, ciertas normas morales o artísticas no logran adquirir existencia histórica sino mucho después de haber sido engendrados. Se mantienen en una vida latente y como en un limbo hasta que llega «su hora», siguiendo un destino parecido al de algunos granos reales que los aquel logos descubrieron en las tumbas milenaria de Egipto. (Entre paréntesis sea dicho: uno de los problemas más atraen es de la biología). La vida normal está sometida a una cronología inexorable. Cada especie tiene una duración típica im prórroga le. Sin embargo, existen fenómenos de casi-inmortalidad, de sorprendente transgresión de los límites temporales. Así acontece con las semillas citadas, con las ranas congeladas, los espero de las materias, etcétera. En menor escala se repite este fenómeno en el sueño invernal de muchos animales. La aparente inmortalidad es conquistada merced a una reducción de la intensidad vital, lo que se ha llamado vita mínima. Parece ser que, sobre todo, se puede lograr la

perduración anómalo de una vida deteniendo la proliferación. Esto me recuerda lo que dice Buffon en el artículo de los ruseñor es. Conoció uno que había vivido

muchos más años de lo que corresponde a su especie. Aquel ruseñor no había parado. On voigt —dice Buffon— que Vamour breve nos yours: mais il faut dire aus wil les real it. (El doctor Gregorio Marañón sostiene asimismo que las emociones son el más grave agente de senectud en el hombre). La «hora» de una idea, de un estilo, de una política es aquélla en que sobreviene una generación de temperamento afín con ellos. Sus individuos apartan su modo de sentir genérico y ubicuo que actúa como un clima favorable sobre aquellos gérmenes espirituales y suscita su rápida e invasora propagación. Hay épocas en que las generaciones sucesivas se diferencian poco entre sí. La historia rueda sobre ellas suavemente, con una tranquilidad ra continuidad que da a la evolución un manso carácter de proceso objetivo. Parece, durante ellas, como si las ideas o los estilos artísticos emanaran unos de otros en virtud de una necesidad lógica, de una dialéctica inmanente. Los viejos perciben la distancia que los separa de los jóvenes, pero no se sienten separados de éstos por un abismo, al contrario, ven en el joven una continuidad de sí mismos. Pero hay otras épocas, como la actual, en que esa continuidad se rompe. De pronto nace una generación tan divergente de las anteriores que toda inteligencia entre ellas se hace imposible. Las viejas ideas, los valores establecidos, son crudamente negado y aún no han sido elaborados los nuevos dogmas. Entonces aparece a la intemperie lo que en las épocas antedicha queda oculto. A una idea de ayer no sigue hoy otra idea concreta más o menos heredera de aquélla, sino un estado de espíritu puramente formal, aún no concretado en doctrinas, normas, imperativos. Hoy presenciamos con ejemplar claridad este fenómeno. La nueva generación es incompatible con el repertorio de creencias y apetitos que constituían la normalidad precedente. Pero al mismo tiempo la nueva generación no posee aún, ni siquiera en esquema, un repertorio distinto que oponer al antiguo. Esta vez los jóvenes se han adelantado a sí mismos y viven de un peligroso crédito que a sí mismos se han abierto. Entretanto,

